

Espiritualidade latino-americana: raízes e frutos

Fr. Lisaneos Prates

RESUMO:

A proposta de uma reflexão teológica em torno do tema da espiritualidade no contexto histórico latino-americano fez-me pensar e buscar um modo mais adequado de formalizar tal conteúdo na sua expressividade mais significativa.

Palavras-Chaves: Espiritualidade, latino-americano

ABSTRACT

The proposal of theological reflection about the theme of spirituality in Latin-America in a historical context, made me to think and seek an adequate way of formalising such content in its meaningful expressivity.

Key-words: spirituality, Latin-America

INTRODUÇÃO

A proposta de uma reflexão teológica em torno do tema da espiritualidade no contexto histórico latino-americano, fez-me pensar e buscar um modo mais adequado de formalizar tal conteúdo na sua expressividade mais significativa. Do ponto de vista propriamente formal do nosso tema elegemos como preferência, adjetivar o substantivo 'espiritualidade' com o adjetivo 'libertadora', a partir de uma imagem metafórica expressada através da vitalidade existencial de uma árvore. As raízes são elementos determinantes que estão nos fundamentos da árvore como sustentáculo que lhe dão vigor, alimentam sua vitalidade e sustentam sua existência. Os frutos representam a fecundidade da árvore, a sua não esterilidade, a alegria jubilar de uma bela colheita. Com o binômio raízes-frutos queremos apontar para a árvore na beleza de sua totalidade. Partindo desse sentido metafórico da árvore, podemos afirmar

que a espiritualidade no chão do continente latino-americano foi ficando suas raízes a partir da década de setenta em sintonia com o surgimento da teologia da libertação. São, portanto, quase quatro décadas de um processo de enraizamento de uma experiência espiritual que tem produzido frutos de renovação para a Igreja e para sociedade latino-americana.

Uma reflexão sobre a 'espiritualidade' é reivindicadora da necessidade de alguns avisos prévios devido ao complexo significado que dito vocábulo carrega na sua densidade semântica. Por isso, faz-se necessário delimitar o nosso enfoque no âmbito de uma espiritualidade cristã situada no contexto histórico, eclesial, teológico e pastoral da América Latina. Neste sentido, admitimos como *primeiro pressuposto* que a espiritualidade-libertadora está vinculada a um contexto histórico na forma de uma memória histórica que foi sendo gestada ao longo dos últimos quarenta anos do caminhar da Igreja sob o impulso da renovação oriunda do Concílio Vaticano II. O *segundo postulado* é que a espiritualidade-libertadora se circunscreve dentro do processo de renovação da Igreja no dinamismo do eixo Medellín-Puebla-Santo Domingo. O *terceiro ponto de partida* é que a espiritualidade-libertadora está umbilicalmente ligada à teologia da libertação nascida na América Latina. O *quarto elemento de referência* é que a espiritualidade-libertadora tem um alcance profundamente pastoral e evangelizador-missionário no horizonte de uma radical transformação das realidades de pobreza-empobrecimento-exclusão que desfigura a dignidade do ser humano no continente latino-americano.

A seguir queremos esboçar a nossa reflexão seguindo a ordem dos quatro pontos que elencamos acima com o intuito de oferecer uma pequena memória histórico-teológica da espiritualidade-libertadora experienciada pela Igreja latino-americana.

PRIMEIRO PRESSUPOSTO: AS RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE-LIBERTADORA NO CONCÍLIO VATICANO II

O vocábulo 'espiritualidade' é um termo técnico que quer traduzir o montante da experiência cristã de Deus configurada ao longo da história do cristianismo – numa *perspectiva diacrônica* – como também numa *perspectiva sincrônica*, isto é, quando o acento é colocado nos conteúdos que foram dando forma histórica e existencial à vitalidade do cristianismo como projeto de vida. Assim, podemos falar de 'espiritualidade cristã' referenciada

à evolução de suas etapas históricas e ao mesmo tempo, como conteúdo vital-existencial que foi preenchendo o caminhar eclesial das comunidades cristãs. Levando em conta estas duas dimensões – *diacrônica e sincrônica* – constatamos que ao longo do caminhar histórico-experiencial da Igreja a espiritualidade foi-se caracterizando por um *núcleo comum ou unidade básica* e uma *pluralidade de formas*. Sua configuração portanto, acontece na relação dialética entre sua *unidade-plural* e, concomitantemente, sua *pluralidade-unificadora*.

Ao longo da história do cristianismo sempre se constatou uma forma específica de experienciar e, posteriormente, definir o que seja a *espiritualidade cristã*. Com isso colocamos em evidência o primado da *experiência de Deus* como algo que antecede àquilo que, somente posteriormente, é elaborado como reflexão teológica.¹ Por isso, o nosso tema tem duas dimensões determinantes a saber, uma dimensão que se situa no âmbito da experiência religiosa e que se dá a partir da dinâmica da história da salvação-libertadora como sendo o lugar onde Deus se revela e, uma outra dimensão que se articula a partir da capacidade que o ser humano tem de ler os sinais de dita manifestação reveladora, compreendê-la, interpretá-la e assimilar o seu conteúdo. Assim, queremos dizer que a *espiritualidade cristã* é, sobretudo, algo que emerge de uma experiência de fé no *Mistério de Deus* que se manifesta no coração do mundo, dentro da história da humanidade.² Num segundo momento é que se elaboram as mais variadas e ricas formas de

¹ 'A busca do sentido mais profundo da experiência de Deus é de fundamental importância para se compreender a unidade e a pluralidade das configurações históricas da espiritualidade. A experiência de Deus é algo vital e existencial que acompanha o dinamismo do cristianismo na história e está no substrato da teologia martirial, ascética, mística, espiritual e experiencial', Cf. PRATES, Lisaneos. *Fraternidade Libertadora. Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 490. Neste nosso estudo encontra-se desenvolvida a perspectiva que indicamos acima.

² 'Uma espiritualidade é uma forma concreta de viver o Evangelho. Uma maneira precisa de viver 'diante do Senhor' em solidariedade com todos os seres humanos, 'com o Senhor' e diante deles. Ela surge de uma experiência espiritual intensa, depois tematizada e testemunhada. Essa experiência em função de um compromisso com o processo de libertação, começa a ser feita por alguns cristãos. Ao hoje da história e do Evangelho corresponde um presente da experiência espiritual que não pode ser escamoteado. Espiritualidade significa reordenação dos grandes eixos da vida cristã em função desse presente. A novidade está na síntese que opera, em provocar o aprofundamento de certos temas, em fazer vir à tona aspectos desconhecidos ou esquecidos e, sobretudo, na forma como tudo isso é feito na vida, oração, compromisso, gesto', Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 260s.

se fazer *teologia da espiritualidade* como medição que ajuda a comunidade eclesial a depurar suas experiências espirituais. Nesta linha de pensamento podemos afirmar que o papel da *Teologia* é oferecer à comunidade eclesial os elementos que constituem a identidade da *espiritualidade cristã*. Para cumprir esta função, a *Teologia* tem como referência básica de inspiração, a *Revelação* de Deus mediada pela Sagrada Escritura, pela Tradição e pelo Magistério e a realidade do mundo que se desdobra no complexo movimento dinâmico da história humana.³

1. Uma espiritualidade afinada com o sentido da Revelação de Deus

A convocação do Concílio Vaticano II feita pelo papa João XXIII, sua realização e o período pós-conciliar representou uma verdadeira revolução na configuração do cristianismo ocidental em todas as suas dimensões.⁴ Este giro revolucionário que já teve o seu início nos movimentos de renovação do período pré-conciliar, a saber, o movimento bíblico, litúrgico, catequético, pastoral, missionário, eclesial, patrístico, ecumênico determinaram a inspiração renovadora da espiritualidade cristã. Colocamos em destaque o movimento bíblico que precedeu e concorreu para a elaboração da Constituição dogmática sobre a Revelação (Dei Verbum=DV), a qual é uma verdadeira fonte inspiradora da espiritualidade cristã. A afirmação que segue nos coloca no horizonte da nossa asseveração: *‘com a leitura e estudo dos livros sagrados, ‘a palavra de Deus se difunda e resplandeça (2Tes 3,1), e o tesouro da revelação confiado à Igreja encha cada vez mais os corações dos homens. Assim como a vida da Igreja cresce com a assídua freqüência do mistério eucarístico, também é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual, se*

³ ‘A teologia sempre foi hermenêutica da fé. Faz parte de seu próprio conceito e identidade. Reinterpreta e organiza os dados revelados, vividos e compreendidos pela comunidade eclesial, em diferentes contextos socioculturais e históricos. Caso não exerça essa missão, as formulações de fé se tornam anacrônicas, reduzindo-se com o tempo, à recitação de fórmulas de pouca ou insignificante inteligibilidade’, Cf. LIBANIO, João Batista. Introdução à teologia. Perfil, enfoques, tarefas, São Paulo: Loyola, 1996, p. 336.

⁴ ‘Não se deve esperar dos documentos conciliares um tratado sistemático da espiritualidade (termo que aparece neles apenas quatro vezes – UR 6 e 15; AG 29; PC 6 –; muito mais amplo é o uso de expressões como: ‘vida espiritual’, ‘perfeição’, ‘santidade’). O Vaticano não busca definições, mas adota um discurso de teor descritivo e afirmativo. Talvez por isso faltem ainda abordagens mais completas sobre sua espiritualidade’, Cf. DE FIORES, Stefano. A ‘nova’ espiritualidade. As novas espiritualidades na Igreja desafiam o futuro. São Paulo: Cidade Nova/Paulus, 1999, p. 35s.

fizermos crescer a veneração pela palavra de Deus, que 'permanece para sempre' (Is 40,8; 1Pd 1,23-25) (DV 26).

A concepção da Revelação de Deus predominante até então, era determinada por uma definição de cunho mais bem formal oriunda do Concílio Vaticano I condicionada pelo fideísmo protestante e pelo racionalismo da modernidade. Na tendência fideísta a fé é colocada como único critério de verificação sobre a questão do conhecimento no âmbito da manifestação reveladora de Deus. Enquanto que no racionalismo, a verificação do conhecimento se reduz aos recônditos da razão humana. O Concílio Vaticano I vai optar por uma definição um tanto abstrata e formal da Revelação acentuando mais o seu aspecto dogmático e, portanto, de conteúdo definitório do que o seu sentido bíblico.⁵ Com este acento em tal definição conciliar nota-se a carência da dimensão bíblica e, portanto, histórico-salvífico-libertadora da Revelação de Deus. Esta carência ou lacuna na maneira de conceber a Revelação, será sobeja e excelentemente desenvolvida com profundidade pelo Concílio Vaticano II. Se consideramos a Revelação como sendo a fonte primária da espiritualidade cristã, naturalmente esta nova forma de defini-la está na base da espiritualidade-libertadora enraizada no sentido histórico, salvífico, libertador e personalista do jeito como Deus se revela no horizonte do Vaticano II.

Eis a palavra e o espírito do Concílio Vaticano II que nos notifica sobre a revelação de Deus: *'Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4)'*. A revelação é resultante incondicional da pura e total gratuidade de Deus, o qual não revela outra realidade, mas a realidade do seu mistério pessoal ao 'revelar-se a Si mesmo'. Ou seja, não é outro que se revela, e

⁵ Eis a afirmação sobre o conhecimento de Deus no âmbito da Revelação feita pela Constituição dogmática sobre a fé católica (Dei Filius): 'A própria santa madre Igreja sustenta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, *pode ser conhecido* com certeza à luz *natural da razão humana* a partir das *coisas criadas*: 'sua realidade invisível – seu eterno poder e sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas' (Rm 1,20). Entretanto, *foi do agrado* da sabedoria e bondade *de Deus revelar à espécie humana*, por outro *caminho e, este sobrenatural*, tanto a si mesmo como os eternos desígnios de sua vontade, como diz o Apóstolo: 'Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos', falou-nos por meio do Filho' (Hb 1,1s)', Cf. DS 3004.

sim o próprio Outro bondoso e sapiencial que é Deus mesmo. A revelação portanto, é manifestação do seu desígnio insondável, inefável, invisível. O Verbo encarnado, humanizado, personalizado, em suma feito realidade histórica na realidade da história humana é o ápice, o centro fulcral que proporciona à humanidade o acesso ao mistério do Pai e do Espírito Santo. É assim que a revelação acontece no dinamismo histórico-salvífico-libertador da manifestação trinitária do mistério como trindade econômica. A colocação do mistério do Verbo encarnado no centro da manifestação do mistério trinitário é a principal nota característica de uma espiritualidade sempre identificada com a realidade histórico-salvífico-libertadora. O mistério invisível do Deus-Pai se experiencia na mediação por excelência do mistério visibilizado do Verbo encarnado. Ele é a mão visível do Pai que toca a realidade humana e pessoal de cada um de nós. Através do Verbo nos toca também a outra mão do Pai, que é o Paráclito consolador. Ao abraçar a humanidade inteira e ao mesmo tempo a singularidade de cada pessoa, o Deus-Pai possibilita ao ser humano participar da natureza divina do seu mistério.

O abraço trinitário convida a humanidade a participar da natureza divina, isto é, da própria vida de Deus, já que esta mesma vida se fez história na histórica humana. Esta característica inaudita da revelação de Deus inaugura no coração da história a possibilidade do ser humano comungar da vida mesma de Deus e da vida dos seus semelhantes. O mistério do Verbo encarnado rompeu definitivamente com o abismo entre o divino e o humano, entre o Criador e criatura. O texto que está na base desta definição e afirmação conciliar diz o seguinte: *'Pois que o seu divino poder nos deu todas as condições necessárias para a vida e para a piedade, mediante o conhecimento daquele que nos chamou pela sua própria glória e virtude. Por elas nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina'* (2Pd 1,3-4b). Segundo esta perícopa do Novo Testamento, o Divino dotou o humano de tudo aquilo que seja necessário para a vida e a piedade, o qual concorre para que o ser humano possa tomar parte na vida divina. Trata-se da possibilidade humana inédita de comungar do mistério da vida de Deus, que é Trindade. Agora, comungar do mistério da vida trinitária implica sempre no correlativo de comungar da vida dos irmãos e irmãs, pois, tal comunhão implica trilhar o caminho da filiação adotiva na mediação da filiação divina do Filho (Jo 1,13) e na mediação da vida nova através do Espírito (Jo 3,5). Estamos no horizonte indicativo de uma espiritualidade eminentemente trinitária no rastro

da trindade econômica, vale dizer que atua na história humana para salvar-libertando e libertar-salvando.

E a beleza da palavra e do espírito conciliar nos continua comunicando: *'Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Ef 2,18; 1Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele'*. A primeira afirmação de que a revelação é a manifestação do 'invisível' do mistério de Deus vem regida pelo sentido dos textos bíblicos citados, nos quais Jesus Cristo é expressão visível que nos possibilitou o acesso ao Deus-Pai. O amor é o sinal expressivo da comunicação e da fala de Deus ao ser humano vinculado a Ele com laços de amizade, sendo a humanidade agora amiga de Deus numa franca relação de convivência cercana, vizinha, próxima. *'Esta 'economia' da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo que é simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação'* (DV 2). A manifestação reveladora de Deus vem regida pelo significado da palavra 'economia', a qual possibilitou a concepção da trindade econômica que se revela como salvação operada na história. E a própria história passa a ser interpretada como tempo e lugar da salvação de Deus. Logicamente nos encontramos aqui, na trilha de uma espiritualidade trinitária, histórica, salvífica, libertadora. A ação e a palavra são as duas formas comunicadoras da revelação de Deus numa inter-relação diferenciada e inseparável mediadas na manifestação histórico-humana da pessoa de Jesus Cristo, o qual revela em plenitude a verdade no que concerne ao mistério de Deus e no que tange ao mistério humano.⁶

⁶ 'O Concílio dá especial ênfase à Sagrada Escritura, 'pura e perene fonte da vida espiritual' (DV 21), e convoca todos os fiéis à 'mesa da Palavra de Deus' (SC 51), além de convocar a mesa eucarística: 'Entre todos os subsídios espirituais, destacam-se aquelas ações com as quais se nutrem os fiéis do Verbo de Deus na dupla mesa da Sagrada Escritura e da Eucaristia' (PO 18). O motivo do convite conciliar à mesa da Palavra é cristológico, pois Cristo está presente 'pela sua palavra, pois é ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja' (SC 7). Segue-se que não se pode conhecer o Cristo e a sua

2. Espiritualidade-libertadora e Igreja

A linha cristológica-cristocêntrica da revelação trinitária que esboçamos no ponto anterior é também de cunho antropológico-antropocêntrico, ou seja, no mistério do Verbo encarnado acontece um encontro profundo entre Deus e as pessoas – dimensão vertical da revelação –, como também dito encontro se dá numa dimensão horizontal, isto é, entre as pessoas. É assim que encarnação, páscoa e pentecostes, três dos grandes mistérios do cristianismo vão determinar, segundo a teologia do Concílio Vaticano II, a exigência de uma reconfiguração eclesial-eclesiológica da Igreja. Dita reconfiguração redirecionará os caminhos da espiritualidade conciliar e pós-conciliar. A seguir indicamos um texto conciliar que se encontra na base da nossa afirmação: *‘As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma, verdadeiramente humana, que não encontre ressonância no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história’* (GS 1). Neste sentido a espiritualidade da Igreja conciliar é de cunho profundamente humano por se identificar com os anseios da humanidade e, de uma maneira toda particular, ela se identifica com os pobres e com todos os sofredores da terra. Para tal ela precisa colocar-se na *sequela Christi* a exemplo dos seus discípulos, os quais se identificaram com a realidade humana. Aqui, a Igreja se configura como sendo uma comunidade formada por pessoas humanas e não por anjos e em consequência disso, deve sempre identificar-se com a realidade humana sob a inspiração do Espírito Santo no compromisso com o Reino do Pai. Este compromisso com a humanidade

mensagem sem a Bíblia: ‘Exorta igualmente o Santo Sínodo a todos os fiéis cristãos, principalmente aos religiosos, com veemência e de modo peculiar a que, pela freqüente leitura das divinas Escrituras, aprendam ‘a eminente ciência de Jesus Cristo’ (FI 3,8). ‘Porquanto, ignorar as Escrituras é ignorar Cristo’ (DV 25). Cristo é ‘ao mesmo tempo o mediador e a plenitude de toda a revelação’ (DV 2), testemunhada e transmitida pelo Novo Testamento. Ele é o revelador único e pleno, de modo que a ‘economia cristã, como aliança nova e definitiva, jamais passará’ (DV 4)’, Cf. DE FIORES, Stefano. op. cit., p. 38.

se dá na exata medida que a Igreja atue dentro da realidade histórica, na qual se encontra situado o ser humano.

Como se denota, existe uma relação profundamente significativa entre Igreja e espiritualidade e vice-versa, entre espiritualidade e Igreja. A Igreja renovada que transparece da intuição conciliar será geradora de uma nova espiritualidade. Assinalamos para um texto emblemático que se encontra na gênese da espiritualidade-libertadora conciliar – GS 4, no qual se proclama: *‘É dever da Igreja investigar a todo o momento, os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho’*, para que a partir de tal diagnóstico, ofereça propostas no âmbito da experiência no horizonte da fé que responda as interrogações humanas pertinentes à vida na sua dimensão de presente e de futuro. Ler e reler os ‘sinais dos tempos’ provenientes da realidade histórica será o elemento dinamizador de uma espiritualidade sintonizada com a realidade histórica que sob o reflexo do espelho evangélico, seja libertadora. *‘A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra’*. O ponto de partida aqui é dar-se conta do novo que marca o ritmo de vida da humanidade inserida numa etapa nova da história marcada por mudanças em alta velocidade. Tais mudanças se inserem no andar da carruagem da história e, portanto, são devedoras das ambigüidades que caracterizam o decurso histórico. *‘Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o colocar ao seu serviço’*. É interessante a constatação de que o ser humano progressivamente ‘alarga o próprio poder’, como uma expressão que quer indicar para uma tipologia de poder que nem sempre presta um serviço à dignidade humana. Ao contrário, o exercício do poder alcançado pela humanidade tem sido causa geradora de grandes flagelos humanos. Na seqüência do texto são indicadas as grandes contradições presentes na realidade do progresso humano em decorrência de um tipo de poder que não serve à vida: *abundância de riquezas, poderio econômico e em contrapartida o tormento da fome, da miséria e do analfabetismo; sentido e busca da liberdade e, de outro lado, novas formas de servidão social e psicológica; avanço na consciência da unidade, interdependência, solidariedade e no entanto, o dilaceramento através dos conflitos políticos, sociais, econômicos, ‘raciais’ e ideológicos*. Este quadro deprimente da realidade histórico-mundana tem como causa-conseqüência uma profunda questão de fundo que é o divórcio entre o progresso temporal e a espiritualidade. Eis a afirmação: *‘Procura-se com todo o empenho uma ordem temporal mais*

perfeita, mas sem que a acompanhe um progresso espiritual proporcionado. Por um lado, uma tipologia espiritual divorciada da realidade histórico-mundana não contribui para um processo de divinização-humanizadora no progresso de ordem temporal. De outro lado, a ordem temporal separada da espiritualidade não concorre para uma humanização-divinizadora.

SEGUNDO POSTULADO: A ESPIRITUALIDADE-LIBERTADORA NO EIXO MEDELLÍN-PUEBLA-SANTO DOMINGO

Na busca de esboçar um panorama mais orgânico ou sistemático da espiritualidade-libertadora, naturalmente que vamos considerar o eixo Medellín-Puebla-Santo Domingo como a fonte primária na qual se intui tal tipologia espiritual cristã. De outro, não se trata de querer encontrar em tal percurso eclesial feito pela Igreja na América Latina uma elaboração na forma de uma teologia da espiritualidade-libertadora. Encontramos sim, uma Igreja inspirada, animada e impulsionada por um renovado jeito de atuar e ser, a partir do dinamismo da fé cristã sob a ação do Espírito Santo e, em conexão com o contexto histórico do continente latino-americano. Logicamente que a eficácia do atuar da Igreja depende de uma anterior ação do Espírito Santo, o qual é o sujeito último gerador de novas formas de vida espiritual no seio da Igreja, na história e no mundo. A inspiração pneumática portanto, não pode deixar de preceder à inspiração eclesial no processo experiencial das novas tipologias espirituais. O atuar eclesial deve ser sempre devedor da ação pneumática do Divino Espírito, o qual é a fonte primeira de toda renovação espiritual. A espiritualidade-libertadora que renasce a partir da atuação da Igreja latino-americana será, por assim dizer, catalisadora do 'sopro' histórico *inspirador* do Espírito que faculta a Igreja *respirar* um novo 'ar' oxigenador de sua palavra e de sua ação. No rigor do linguajar teológico-espiritual, podemos dizer que é o Espírito Santo que unge a palavra proclamada pela Igreja para que a mesma esteja sempre vinculada à ação transformadora e geradora de vida nova para o ser humano.

1. O sentido espiritual da palavra-ação proclamada

Na introdução ao Documento de Medellín (M), encontramos o incisivo propósito que exige a superação do desquite entre palavra e ação. Assim, com a expressão que vincula palavra-ação de forma aditivada, queremos

seguindo a trilha de Medellín, superar a dicotomia entre a palavra e a ação cujo resultado seria uma espiritualidade também dicotômica e dualista nas suas mais variadas dimensões. Aqui, o dualismo aconteceria na separação injustificável entre ordem temporal e ordem espiritual e vice-versa. Eis como versa a letra e o espírito do texto de Medellín: *‘Não basta certamente, refletir, conseguir mais clarividência e falar. É necessário agir. A hora atual não deixou de ser a hora da ‘palavra’, mas já se tornou, com dramática urgência, a hora da ação. Chegou o momento de inventar com imaginação criadora a ação que cabe realizar e que, principalmente, terá que ser levada a cabo com a audácia do Espírito e o equilíbrio de Deus. Esta Assembléia foi convidada ‘a tomar decisões e a estabelecer projetos, somente com a condição de que estivéssemos dispostos a executá-los como compromisso pessoal nosso, mesmo à custa de sacrifícios’* (Introdução, 5º.parág.). A proposta é fazer do potencial que condensa a Palavra compromisso de ação a partir do dramático e urgente apelo de transformação que provém da realidade. Tal ação deve ser inspirada na ‘audácia do Espírito’ o qual lhe confere uma ‘imaginação criadora’ referenciada ao mistério mesmo de Deus. Parece que com esta afirmação se coloca a primeira nota que serviu como ponto de arranque para se elaborar a pauta desta que foi a II Conferência do Celam.

A adição diferenciada e inseparável entre palavra-ação como elemento básico da espiritualidade-libertadora vem ao encontro do ser humano na sua totalidade misteriosa e complexa. E sendo assim, *‘nós, cristãos, não podemos com efeito deixar de pressentir a presença de Deus, que quer salvar o homem inteiro, alma e corpo. No definitivo da salvação Deus ressuscitará também nossos corpos, por cuja redenção geme agora em nós o Espírito com gemidos indescritíveis’*. A partir dessa afirmação, podemos dizer que na base da espiritualidade-libertadora está uma antropologia que contempla o ser humano na sua totalidade complexa e misteriosa na referência do binômio alma-corpo, o qual nas últimas elaborações da teologia cristã indica que a pessoa humana deve ser entendida numa pluralidade de dimensões. O binômio alma-corpo como síntese do complexo humano chama a atenção para a necessidade de uma superação viciada de uma tendência espiritualista e/ou materialista na experiência espiritual cristã e na forma de compreendê-la e interpretá-la. Por isso, a presença salvadora e ressuscitadora de Deus, abarca a inteireza do ser humano na sua dimensão corpórea e anímica.

A ação salvadora e ressuscitadora de Deus acontece na mediação da ressurreição de Jesus Cristo e, portanto é de caráter cristológica e cristo-

cêntrica. Aqui, a espiritualidade-libertadora deve ser resultante do nexos entre teologia, cristologia e antropologia. Este endereço a ser buscado pela Igreja já aparece na seguinte proposição iniciática: *'A Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral de seu Episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Assim sendo, não se acha 'desviada', mas 'voltou-se para' o homem consciente de que 'para conhecer a Deus é necessário conhecer o homem'. Pois Cristo é aquele em quem se manifesta o mistério do homem; e a Igreja procurou compreender este momento histórico do homem latino-americano, à luz da Palavra que é Cristo'* (Introdução, parág. 1º. e 2º).⁷ Ao fixar a sua mirada sobre a condição real do ser humano a Igreja o contempla movida pelo próprio olhar do Deus-Pai na mediação do jeito histórico do olhar do Filho-Irmão inspirada pelo Espírito Santo fraternal-libertador.

Este nexos profundo existente entre Deus-Cristo-ser humano como princípio inspirador da espiritualidade-libertadora, possibilita que a Igreja possa tocar o mistério divino no mistério humano e o mistério humano no mistério divino. Pois, *'Deus ressuscitou a Cristo e, por conseguinte, todos os que crêem nele. Através de Cristo, ele está ativamente presente em nossa história e antecipa seu gesto escatológico não somente no desejo impaciente do homem para conseguir sua total redenção, mas também naquelas conquistas que, como sinais indicadores, com voz cada vez mais poderosa do futuro, vai fazendo o homem através de uma atividade realizada no amor'*. Neste sentido a espiritualidade-libertadora concorre para uma síntese sempre processual e aberta entre o mistério da ressurreição inaugurado no presente da história e seu horizonte transhistórico numa perspectiva escatológica. Na expressão do texto se entrevê o sentido da escatologia que deve estar na base experiencial da espiritualidade-libertadora como sendo conteúdo histórico num sentido temporal-espacial inaugurado de forma incoativa no evento

⁷ Esta afirmação de Medellín reproduz em forma de ressonância da antropologia da GS 22, onde se afirma: 'O mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublima'. Também no texto ecoa a belíssima afirmação de Paulo VI: 'Se no rosto de Cristo devemos descobrir o rosto do Pai celestial, segundo aquela palavra: 'quem vê a mim, vê também o Pai' (Jo 14,9), o nosso humanismo muda-se em cristianismo, e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem' (Homilia de Paulo VI na Nona Sessão Solene do Vaticano II – 07 de dezembro de 1965).

histórico da ressurreição. Este ponto de mutação escatológico fincado na história, é ao mesmo tempo o referencial que abre o infinito horizonte do futuro absoluto de Deus.

O documento de Puebla (P) também procurou orientar sobre um tipo de experiência espiritual na linha de uma espiritualidade-libertadora que contemple a síntese escatológica em suas dimensões de temporalidade-eternidade.⁸ Tal proposição é feita no âmbito da formação do laicato cristão onde é dada a seguinte pauta: *‘Aspecto importante desta formação é o que concerne ao aprofundamento numa espiritualidade mais apropriada a sua condição de leigo. Dimensões essenciais desta espiritualidade são entre outras as seguintes:*

- 1. Que o leigo não fuja às realidades temporais para buscar a Deus, e sim persevere, presente e ativo, no meio delas e ali encontre o Senhor;*
- 2. Infunda nesta presença e atividade uma inspiração de fé e um sentido de caridade cristã;*
- 3. À luz da fé, descubra nesta realidade a presença do Senhor;*
- 4. Em meio à sua missão, não raro geradora de conflitos e cheia de tensões para sua fé, busque renovar sua identidade cristã no contato com a Palavra de Deus, na intimidade com o Senhor pela Eucaristia, nos sacramentos e na oração’ (P 798).* Segundo esta orientação o percurso do caminho espiritual passa decididamente pelas ‘realidades temporais’ quando se busca a Deus, isto é, elas são mediações apropriadas para o encontro com o Mistério que se manifesta e se revela através das mesmas. Inserido nas realidades do mundo, o cristão deve perseverar de forma ativa na busca de encontrar neste contexto o Senhor da história. Através das virtudes da fé e da caridade, o cristão deve encontrar a identidade ou o modo específico da sua presença

⁸ Tal perspectiva já tinha sido inventada por Medellín na seguinte proposição: *‘Deve ser fomentada uma espiritualidade própria dos leigos, baseada em própria experiência de compromisso com o mundo, ajudando-os a se entregarem a Deus, entregando-se aos homens. Ensinando-os a redescobrir o sentido da oração e da liturgia como expressão e alimento dessa dupla e recíproca doação. ‘Seguindo o exemplo do Cristo, que exerceu o artesanato, alegrem-se os cristãos de poder exercer todas as suas atividades temporais, fazendo uma síntese vital do esforço humano, familiar, profissional, científico ou técnico, com os valores religiosos, tudo cooperando para a glória de Deus’ (GS 43)’ (M 10,3.5).*

e atividade. Ao longo do percurso deste caminho espiritual o cristão se depara com realidades conflitivas e tensas em função de sua presença transformadora em meio às realidades temporais. Sendo assim, a *Palavra* revelada – fonte primeira de uma autêntica experiência de Deus, Eucaristia – expressão litúrgica-sacramental da *Igreja* e fonte alimentadora da vida espiritual, os *sacramentos* – universo simbólico-significativo e concentrador da autenticidade da espiritualidade cristã e, a *oração*, mediação por excelência do nosso colóquio com Deus em meio às realidades temporais, são os canais que inspiram e nutrem os cristãos no decurso da espiritualidade-libertadora.

A conclusão proposta para este tipo de compromisso na linha de uma espiritualidade-libertadora é a seguinte: *‘Tal espiritualidade deverá ser capaz de dar à Igreja e ao mundo ‘cristãos com vocação para a santidade, sólidos na fé, seguros na doutrina proposta pelo magistério autêntico, firmes e ativos na Igreja, fundados numa densa vida espiritual... perseverantes no testemunho e ação evangélicos, coerentes e denodados em seus compromissos temporais, constantes promotores de paz e de justiça contra toda violência ou opressão, penetrantes no discernimento crítico das situações e ideologias, à luz dos ensinamentos sociais da Igreja, confiados na esperança do Senhor’* (P 799). É um tipo de orientação indicativa daquilo que seria a superação de um infantilismo espiritual para o alcance de uma espiritualidade adulta sempre em processo de maturação.

A necessidade de se buscar uma espiritualidade renovada e renovadora também foi preconizada por Santo Domingo (SD). A seguir citamos a referência textual: *‘A nova evangelização exige uma renovada espiritualidade que, iluminada pela fé que se proclama, anime com a sabedoria de Deus, a autêntica promoção humana e seja o fermento de uma cultura cristã. Pensamos que é preciso continuar e acentuar a formação doutrinal e espiritual dos fiéis cristãos, e em primeiro lugar do clero, religiosos e religiosas, catequistas e agentes pastorais, destacando claramente a primazia da graça de Deus que salva Jesus Cristo na Igreja, por meio da caridade vivida e através da eficácia dos sacramentos’* (SD 45). Situada já em outro contexto histórico marcado pela perspectiva de uma nova evangelização, a inspiração da Igreja em Santo Domingo coloca a necessidade de uma renovação espiritual em relação com as exigências de uma evangelização, da promoção da dignidade humana e da inculturação. Neste momento novo da caminhada da Igreja na América Latina, é colocado em destaque o surgimento de novas formas

de oração, as quais são mediações especiais para a experiência espiritual do mistério de Deus (SD 38). Estas novas formas de oração requerem a seguinte orientação da Igreja: *‘Devemos zelar para que todos os membros do povo de Deus assumam a dimensão contemplativa de sua consagração batismal e ‘aprendam a orar’, imitando o exemplo de Jesus Cristo (Lc 11,1), de maneira que a oração esteja sempre integrada com a missão apostólica da comunidade cristã e no mundo. Diante de muitos – inclusive cristãos, – que buscam em práticas alheias ao cristianismo, respostas às suas ânsias de vida interior, devemos saber oferecer a rica doutrina e a longa experiência da Igreja’* (SD 47).

2. A espiritualidade-libertadora na mediação dos sinais dos tempos e do profetismo

A palavra vinculada à ação e a ação vinculada à palavra coloca a significância da espiritualidade-libertadora na trilha dos gestos-palavras de Jesus Cristo (Lc 7,36-50), o qual como profeta inicia sua missão libertadora na sinagoga de Nazaré da Galiléia (Lc 4,16-30). Na perspectiva da espiritualidade cristocêntrica lucana Jesus é um profeta ambulante, peregrino que começa sua missão profética em Nazaré já sob a marca de conflitos e contradições. Ao ler o texto de Isaías 61,1-2, Jesus assevera: *‘Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura. Todos testemunham a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca’*. E Jesus diante da desconfiança sobre sua identidade profética, afirma: *‘Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria’* (vv. 21b.24b). De Nazaré, Jesus peregrina na direção de Jerusalém e ao longo do seu caminhar vai se encontrando com os pobres, empobrecidos e excluídos sendo para eles sinal da compaixão do Deus-Pai e, através dos seus gestos e palavras, vai-lhes sinalizando a esperança-libertadora que traz consigo (cf. Lc 21,28: *‘erguei-vos e levantai a cabeça, pois está próxima a vossa libertação’*, afirmação do tipo profética, escatológica e apocalíptica). Este traço profético é tão característico em Jesus Cristo, que passa a fazer parte de sua identidade pessoal: *‘Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e diante de todo o povo...’*(Lc 24,19). Ao iniciar o seu segundo relato sobre o profeta de Nazaré, Lucas assim o identifica ao afirmar: *‘Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início’* (At 1,1).

Esta espiritualidade cristológica foi profundamente assimilada pelo Concílio Vaticano II no texto da *Dei Verbum*, 2 (*a Revelação acontece por meio de ações-palavras*) que indicamos acima. Vinculada à mediação dos sinais dos tempos numa perspectiva profética será a fundamentação do seguimento de Jesus Cristo no rumo de uma espiritualidade-libertadora.⁹ Perceber os sinais dos tempos e adotar uma postura profética é resultante de uma vida de fé sempre ligada ao compromisso evangelizador da Igreja. *‘Esta evangelização deve ser relacionada com os ‘sinais dos tempos’. Não pode ser a-temporal nem a-histórica. Com efeito os ‘sinais dos tempos’, que em nosso continente se manifestam sobretudo na área social, constituem um ‘lugar teológico’ (locus theologicus) e interpelações de Deus’* (M 7,13). Os leigos devem ser – pedagógica e mistagógicamente – conduzidos à uma experiência de Deus que lhes proporcione uma graduação espiritual capaz de discernir os sinais dos tempos presentes na realidade. Isto implica na seguinte orientação: *‘promova-se com especial ênfase e urgência à criação de equipes apostólicas ou de movimentos seculares nos lugares ou estruturas funcionais, sobretudo naquelas onde se elabora e se decide o processo de libertação e humanização da sociedade a que pertencem, dotando-os de uma coordenação adequada e de uma pedagogia baseada no discernimento dos sinais dos tempos, na trama dos acontecimentos’* (M 10,13).

É no documento de Puebla que a mediação dos sinais dos tempos aparecerá vinculada ao exercício da profecia referenciada ao pastoreio dos bispos na América Latina. Puebla afirma: *‘Como pastores, peregrinamos com o povo latino-americano através de nossa história, com muitos elementos de*

⁹ Segundo Gustavo Gutiérrez a teologia dos ‘sinais dos tempos’ é de fundamental importância para se entender o profundo trânsito que se dá entre o Vaticano II e Medellín, ao dizer: ‘O papa João retomou com ousadia uma idéia evangélica de grande alcance: a necessidade de discernir os sinais dos tempos. Devemos fazer nossa afirmação, à recomendação de Jesus de saber distinguir ‘os sinais dos tempos’ (cf. Mt 16,1-4)’, estaremos assim em condições de ver ‘em meio a espessas trevas, não poucos indícios que parecem anunciar-nos tempos melhores para a Igreja e para a humanidade’. Como é sabido, o Concílio acolheu de maneira extremamente fecunda a perspectiva sugerida por João XXIII. Medellín segue com firmeza e imaginação essa orientação. Afirma-o a partir de sua *Mensagem*: ‘à luz da fé que professamos como fiéis, fizemos um esforço para descobrir o plano de Deus nos ‘sinais dos tempos’. O motivo teológico é indicado de imediato: ‘interpretamos que as aspirações e clamores da América Latina são sinais que revelam a orientação do plano divino operante no amor redentor de Cristo que funda essas aspirações na consciência de uma solidariedade fraterna’ (M 3)’, Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. In AA.VV. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968. Trinta anos depois, Medellín é atual?* São Paulo: Paulinas, 1998, pp. 242s.

base comum, mas também com os matizes e as diferenças de cada nação. Partindo do Evangelho e de Jesus Cristo e, iluminados pela fé, situamo-nos na realidade do homem latino-americano, que é expressa em suas esperanças, em seus triunfos e suas frustrações. Impele-nos esta fé a discernir as interpelações de Deus nos sinais dos tempos, a dar testemunho, a anunciar e a promover os valores evangélicos da comunhão e da participação; e a denunciar tudo o que, em nossa sociedade, vai contra a filiação que tem sua origem em Deus Pai, e contra a fraternidade dos homens em Cristo Jesus' (P 15). Os bispos devem ser os primeiros animadores a promoverem esta tipologia da experiência de Deus através da conjunção entre os sinais dos tempos e a profecia. Para isto é necessário que eles estejam identificados com o povo peregrino na história, para que assim, possam ser capazes de perceber as contradições e ambigüidades da realidade. Através da percepção e consciência dos sinais dos tempos deve-se anunciar o evangelho da comunhão-participação e denunciar tudo aquilo que é causa das fraturas que dividem a sociedade.

Em última instância, é o Espírito Santo o protagonista na vida da Igreja Povo de Deus que impele as comunidades a fazer a leitura na fé através dos sinais dos tempos presentes na sociedade para torná-la mais humana. A emergência dos pobres como prediletos do Pai aparecerá como um sinal destacado por Puebla. Eis o texto: *'Espírito do Senhor impele o Povo de Deus, na história, a discernir os sinais dos tempos e a descobrir, nos mais profundos anseios e problemas dos seres humanos, o plano de Deus sobre a vocação do homem na construção da sociedade, para torná-la mais humana, justa e fraterna. Assim, na América Latina, a pobreza aparece palpável como marca impressa nas imensas maiorias, as quais estão, ao mesmo tempo, abertas não só às bem-aventuranças e à predileção do Pai, mas também à possibilidade de serem os verdadeiros protagonistas de seu próprio desenvolvimento. A evangelização dos pobres foi para Jesus um dos sinais messiânicos e será também para nós sinal de autenticidade evangélica'* (P 1128-1130). Este texto é sumamente importante para a via de uma espiritualidade-libertadora na mediação dos sinais dos tempos por colocar o Espírito Santo como o sujeito que impulsiona ao Povo de Deus a dar-se conta e discernir os anseios e problemas humanos na busca de uma sociedade mais em conformidade com o projeto de Deus. As imensas maiorias pobres são concentradoras do desígnio das bem-aventuranças e predileção do Pai, sendo assim, um sinal dos tempos por ter sido sinal messiânico da

presença evangelizadora de Jesus Cristo. Elas continuam sendo um sinal da verdadeira e autêntica evangelização assumida pela Igreja (ver também P 12; 277; 420 e 473).

A mediação dos sinais dos tempos como algo determinante para a espiritualidade-libertadora foi diagnosticada e incentivada por Santo Domingo, que vê na diversidade carismática e ministeriais, sobretudo dos leigos, um sinal dos tempos para a Igreja e para o mundo. Na perspectiva de uma Igreja gestada e geradora de uma vida cristã a partir dos sacramentos de iniciação cristã, é que se faz a significativa afirmação: *‘Hoje, como sinal dos tempos, vemos um grande número de leigos comprometidos na Igreja: exercem diversos ministérios, serviços e funções nas comunidades eclesiais de base ou atividades nos movimentos eclesiais. Cresce sempre mais a consciência de sua responsabilidade no mundo e na missão ‘ad gentes’.* No entanto, faz a seguinte constatação: *‘Os fiéis leigos comprometidos manifestam uma sentida necessidade de formação e de espiritualidade. Assim se explica a incoerência entre a fé que dizem professar e o compromisso real na vida (cf. Puebla, 783)’ (SD 95-96).*

3. Espiritualidade-libertadora e promoção humana – novos sinais dos tempos

Se levarmos a sério a intuição eclesial de Santo Domingo de que a Igreja Povo de Deus está fundamentada e sustentada pelos sacramentos de iniciação cristã, a saber, batismo, eucaristia e confirmação, tendo implícito o sacramento da reconciliação penitencial, sendo portanto, uma Igreja de leigos. E, tendo em conta uma formação e uma espiritualidade incipiente do nosso laicato, como também uma acentuada incoerência entre fé e vida ou fé e compromisso com a realidade, tal quadro eclesial é assaz preocupante e desafiante. É neste contexto em que se propõe uma nova evangelização que Santo Domingo vai usar a expressão *‘novos sinais dos tempos’* os quais catalisam a urgência do compromisso com *‘a promoção humana’* como dimensão privilegiada da *nova evangelização*. Esta tríade *‘novos sinais dos tempos’*, *‘promoção humana’* e *‘nova evangelização’*, acaba sendo resultante e ao mesmo tempo novo impulso inspirador da espiritualidade-libertadora.

A excelência da motivação que leva ao compromisso com a promoção humana é de ordem cristológica-cristocêntrica. Sendo assim, a espiritualidade-libertadora deriva do agir histórico do Cristo Libertador ungido e impulsionado pelo Espírito Santo. Esta indicação segue os seguintes pontos (SD 159): 1) *'Jesus ordenou aos seus discípulos que repartissem o pão multiplicado à multidão necessitada, de modo que 'todos comeram e ficaram saciados' (cf. Mc 6,34-44). Curou os enfermos, 'passou a vida fazendo o bem' (At 10,38). No final dos tempos, nos julgará no amor (cf. Mt 25).'*¹⁰ Aqui a fome e a enfermidade aparecem como sinais desumanizadores vistos a partir da capacidade que Jesus tem que fazer o bem sob a motivação do amor; 2) *'Jesus é o bom samaritano (Lc 10,25-37) que encarna a caridade e não só se comove, mas se transforma em ajuda eficaz. Sua ação é motivada pela dignidade de todo homem, cujo fundamento está em Jesus Cristo como Verbo criador (cf. Jo 1,3), encarnado (cf. Jo 1,14). Como indicava a Gaudium et spes: 'O mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão, o primeiro homem, era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação' (Gaudium et spes, 22)'. A espiritualidade-libertadora assim, é a extensão de uma Igreja samaritana capaz de encarnar a caridade de Cristo a partir da eficácia de sua ação promotora da dignidade humana, já que, toda criatura humana é chamada a reconfigurar-se nele. No seu mistério encarnado na história, transparece o mistério divino na sua humanidade e o mistério humano na sua divindade. Nele o Divino se humaniza e o humano se diviniza. Nele está a base teológica e antropológica da divinização humanizadora e da humanização divinizadora; 3) Jesus Cristo revela que a dignidade humana *'não se perdeu pela ferida do pecado, mas que foi exaltada pela compaixão de Deus, que se revela no coração de Jesus Cristo (cf Mc 6,34). A solidariedade cristã é certamente servido aos necessitados, mas é sobretudo, fidelidade a Deus. Isto fundamenta a relação entre evangelização e promoção humana (Evangelii nuntiandi, 31)'*. A partir destas notas cristológicas, podemos dizer que a espiritualidade-libertadora está radicada no Cristo Libertador, o qual deve impulsionar e ser impulsionada pela Igreja samaritana.*

¹⁰ Ver a referência em São João da Cruz...

Após este embasamento cristológico e eclesiológico da espiritualidade-libertadora, Santo Domingo nos oferece os elementos que vinculam os novos sinais dos tempos à promoção da dignidade humana, estabelecendo aquilo que seria a pauta e o compromisso derivado de tal caminho espiritual. A seguir elencamos de forma abreviada os assim chamados *novos sinais dos tempos*: 1) No âmbito dos *direitos humanos* se reafirma *‘a igualdade entre os seres humanos em sua dignidade, por serem criados à imagem e semelhança de Deus’*, o qual liga a espiritualidade-libertadora à atual questão de gênero, um desafio para a Igreja e para a sociedade; 2) No campo ecológico *‘a criação é obra da palavra do Senhor e da presença do Espírito, que, desde o início, pairava sobre tudo o que foi criado (Gn 1-2). Esta foi a primeira aliança de Deus conosco’*. Aqui a espiritualidade-libertadora se vincula a uma profunda sensibilidade ecológica de cunho holística como compromisso de se saber cuidar da totalidade da criação de Deus; 3) A espiritualidade-libertadora ganha também um sabor de terra por ser esta dom do Deus criador para toda a humanidade. *“De Iahweh é a terra e o que nela existe, o mundo e seus habitantes’ (Sl 24,1) é a afirmação de que percorre toda a Bíblia e confirma a crença de nossos povos de que a terra é primeiro sinal da Aliança de Deus com o homem’*; 4) *‘Empobrecimento e solidariedade’* é outro sinal que deve mediar a experiência de Deus na linha da espiritualidade-libertadora. *‘Temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla (cf. Puebla 31-39), todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos’*; 5) A mediação do trabalho como atividade que deve concorrer para a dignidade humana *‘por sua significação humanizadora e salvífica que tem origem na vocação co-criadora do homem como ‘imagem de Deus’ (Gn 1,26) e que foi resgatado e elevado por Jesus, trabalhador e ‘filho do carpinteiro’ (Mt 13,55; Mc 6,3)’*; 6) A condição migrante do ser humano é outro sinal da realidade atual que nos coloca na trilha do *‘Filho de Deus que se faz peregrino, passa pela experiência dos que não têm lugar (cf. Mt 2,13-23) como migrante radicado numa insignificante aldeia (cf. Jo 1,46). Educa seus discípulos para serem missionários fazendo-os passar pela experiência do que migra, a fim de confiar exclusivamente no amor de Deus, cuja boa nova são portadores (cf. Mc 6,6b-12)’*; 7) E, por fim, no âmbito de uma ordem democrático-econômica, a experiência

de Deus na dimensão de uma espiritualidade-libertadora deve ler em tal mediação o apelo do contexto histórico para a integração latino-americana *'ante o espetáculo de países cada vez mais ricos junto a outros cada vez mais pobres'*. Uma via proposta seria a busca de *'uma verdadeira economia de comunhão e participação de bens, tanto na ordem internacional como nacional'* (cf. nn. 164-206).

TERCEIRO PONTO DE PARTIDA: ESPIRITUALIDADE-LIBERTADORA E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A relação entre espiritualidade-teologia e entre teologia-espiritualidade é algo que pertence ao patrimônio do pensamento teológico de tal maneira que a cada configuração histórica da experiência de Deus, nos deparamos com o seu co-relativo teológico. Já na Revelação bíblica fonte primária da experiência de Deus e da teologia, encontramos uma relação inarredável entre configuração espiritual e elaboração teológica. Assim, a experiência histórica do Deus que liberta e salva na história é a configuração por excelência da experiência de Deus em Israel, a qual é elaborada na forma de uma teologia narrativa expressa na variedade dos relatos bíblicos e de suas tradições. No caso da teologia neotestamentária, ela é resultante de uma experiência feita pelas comunidades do evento pasco-pentecostal radicado na pessoa de Jesus Cristo, experienciado como Jesus histórico e Cristo da fé. Há aqui uma predominância da fé experiencial e uma posterior elaboração teológica, a qual passa a ser normativa tanto para a experiência como tal, como para as posteriores elaborações do pensar teológico. Com isso queremos asseverar a existência de uma relação diferenciada, porém, intrínseca e extrínseca entre a experiência do mistério de Deus e a conseguinte teologização do próprio mistério insondável.

A espiritualidade-libertadora e a teologia da libertação não escapam a este processo histórico caracterizador da espiritualidade cristã e da teologia. Neste sentido, a nossa afirmação de partida é que a espiritualidade-libertadora é anterior à teologia da libertação, ainda que esta tenha sido sistematizada em parte com uma certa antecedência à aquela. A seguir queremos repassar alguns elementos que aparecem na formulação feita por alguns autores sobre a nossa questão com o objetivo de buscar a devida sustentabilidade para a nossa tese de fundo.

1. A espiritualidade-libertadora segundo Gustavo Gutiérrez¹¹ – questões emergentes

Primeira questão: nexa entre teologia-realidade histórica-espiritualidade

O ponto de partida é uma experiência emergente do contexto histórico no qual o ser humano aparece como vítima da servidão imposta por outros. Esta realidade revitaliza uma tipologia experiencial no âmbito da fé na qual o Reino de Deus aparece vinculado umbilicalmente às mediações libertadoras oriundas da realidade histórica e encampada por agentes e sujeitos engajados em tal caminho de libertação. A opção por esse caminho-libertador acaba sendo um juízo frente a uma tipologia teológica divorciada do contexto histórico e, portanto, esterilizada pela utilização de conceitos vazios e abstratos que não tocam a vida da comunidade.

Eis a afirmação taxativa: *‘Se essa opção parece afastá-los da comunidade cristã é porque muitos nela, empenhados em domesticar a Boa Nova, olham-nos como membros desordeiros e mesmo perigosos’*. Frente a esta teologia que adentra o Evangelho dentro do próprio âmbito eclesial, o nosso autor dá preferência à vitalidade radical daqueles que optaram pelo caminho na direção do compromisso libertador. *‘Se nem sempre sabem expressar em termos apropriados as profundas motivações de seu compromisso, é porque a teologia que receberam – e partilham com outros cristãos – não forjou as categorias necessárias para traduzir essa opção que procura situar-se de forma criativa diante das novas exigências do Evangelho e do povo espoliado e oprimido deste subcontinente’*. Nesta proposição já aparece a primeira redução bitolada de um tipo de elaboração teológica que não traduz a urgência libertadora presente na realidade histórica e expressa no compromisso que vai sendo assumido no horizonte da fé pré-elaborada do ponto de vista teológico. A preferência de uma re-elaboração teológica casada com o contexto histórico recai sobre o primado experiencial do compromisso na mediação da fé. Assim, o montante da fé-experiência, existencial, histórica, contextualizada no horizonte de uma autêntica *fides qua* antecede a elaboração teológica na dimensão da *fides quae*.

¹¹ Para o conteúdo elaborado neste item vide GUTIÉRREZ, Gustavo. ‘Uma espiritualidade da libertação’. In IDEM, Teologia da Libertação, op. cit., pp. 259-265.

Falando do compromisso assumido por aqueles que se engajaram na via da experiência-libertadora, Gutiérrez assevera: *'Em seus compromissos e mesmo em suas tentativas de explicação há 'mais compreensão da fé', vale dizer, há 'plus intellectus fidei' mais fé, mais fidelidade ao Senhor que na doutrina (como preferem chamá-la) 'ortodoxa' dos círculos cristãos bem pensantes'*. Aqui o dedo crítico do nosso autor é colocado na chaga de um tipo de elaboração teológica que se alimenta de um conteúdo doutrinário vazio, o qual acaba reproduzindo uma teologia desnutrida e, portanto, incapaz de alimentar a fé-compromisso. *'Doutrina pontilhada de medidas de autoridade e tornada pública graças aos grandes meios de comunicação social; tão estática e desvitalizada que nem sequer tem força para se afastar do Evangelho. É o Evangelho que a abandona'*. Este juízo tremendamente duro e incisivo contra uma teologia assim tão incipiente é o preço que se paga pelo divórcio verificado por alguns autores contemporâneos entre teologia e espiritualidade.

A espiritualidade-libertadora tem uma primeira raiz fincada no solo da ambigüidade mesma da condição humana subjugada e humilhada pelas horrendas formas de opressão e de cativeiro. Paradoxalmente, de tal ambigüidade nasce o amor cultivado em comunhão com a fé e a esperança cristã sob a inspiração do amor incondicional de Deus. Assim, a espiritualidade-libertadora nasce desde dentro da contradição desumana decorrente das próprias ambigüidades da história e por isso, este já de *per si* o seu primeiro grande desafio. *'Lá, onde a opressão e a libertação de pessoas parecem esquecer a Deus – um Deus passado ao crivo de nossa própria e grande indiferença diante dessas questões – deve brotar a fé e a esperança naquele que vem arrancar pela raiz a injustiça e trazer de forma imprevisível, a libertação total. Trata-se de uma espiritualidade que ouse fincar raízes no solo constituído pela situação de opressão-libertação'*.

Segunda questão: espiritualidade-libertadora e conversão

A conversão que é um elemento nuclear e dinamizador da espiritualidade cristã tem um alcance todo especial no bojo daquilo que traduz e significa a espiritualidade-libertadora. Aqui converter implica num movimento de saída do 'eu' fechado em si mesmo na direção do próximo, no exercício de um verdadeiro encontro exodal. O próximo é a mediação mais imediata para se encarnar a exigência do mandamento do amor ao Senhor. E assim, *'uma*

espiritualidade da libertação estará centrada na conversão ao próximo, ao homem oprimido, à classe social espoliada, à raça desprezada ao país dominado. Nossa conversão ao Senhor passa por este movimento'. Sobretudo, o câmbio de mentalidade no âmbito de uma fé-libertadora conduz a uma ação-libertadora inspirada no Espírito Santo, o qual faz com o crente possa enxergar a desfiguração na qual se encontram submetidos os pobres. Em meio a este movimento numa pista de mão dupla, a saber ir ao encontro do Senhor, ir ao encontro dos pobres, 'converter-se é comprometer-se com o processo de libertação dos pobres e explorados, comprometer-se lúcida, realística e concretamente. Não só com generosidade, mas também com análise de situação e com estratégia de ação'.

Esta forma de se conceber a conversão a partir do dinamismo da espiritualidade-libertadora implica na superação de uma concepção intimista de se fazer tal processo de mudança. Para o sujeito entrar em tal dinamismo faz-se necessário transitar de um tipo de infância espiritual a uma experiência espiritual aberta a um caminho de maturação constante. Neste sentido, a conversão é sempre contextualizada a partir das realidades vitais e sociais onde nos encontramos situados. E, sendo assim, implica sempre mudanças que carregam consigo elementos conflitantes. Isto significa afirmar que o *'processo de conversão é condicionado pelo meio socioeconômico, político, cultural, humano, em que se desenvolve. Sem mudanças nessas estruturas não há autêntica conversão. Trata-se de ruptura com nossas categorias mentais, com a forma de nos relacionar com os outros, com o nosso modo de nos identificar com o Senhor, com nosso meio cultural, nossa classe social, isto é, com tudo o que conote solidariedade real e profunda com os que sofrem uma situação de injustiça e miséria. Só assim, e não em pretensas atitudes puramente interiores e espirituais, surgirá o 'homem novo' do meio dos escombros do 'homem velho'*

Terceira questão: espiritualidade-libertadora e gratuidade

Um dos sentidos mais fundos da significância da espiritualidade-libertadora é propriamente o seu caráter gratuito, vale dizer, primeiramente que ela é um dom excelente do divino Espírito Santo comunicado à Igreja, à vida cristã. É através da assimilação deste sentido profundo da gratuidade e do seu exercício como comunhão na vida divina e humana que o caminho libertador vai se concretizando como resultado do compromisso com

a motivação por antonomásia de tudo aquilo que move a fé cristã – como conteúdo-dom – e, a própria direção da fé cristã – como compromisso-tarefa. *‘Uma espiritualidade da libertação deve estar impregnada de vivência de gratuidade. A comunhão com o Senhor e com todos os seres humanos é, antes de tudo, um dom. Daí a universalidade e a radicalidade da libertação trazida por ele. Saber que na raiz de nossa existência pessoal e comunitária se acha o dom da autocomunicação de Deus a graça de sua amizade, enche de gratuidade a nossa vida. Só o amor gratuito vai até a raiz de nós mesmos e dali faz brotar verdadeiro amor’.*

No transfundo da experiência libertadora de Deus subjaz uma contemplação-orante e uma tipologia de oração-contemplativa que conduz a um alcançar profundamente a presença de Deus sempre emergindo das realidades desumanas como o sempre apelo à humanização-divinizadora e à divinização-humanizadora. Ou melhor, é mesmo a graça de Deus que primeiramente alcança e visita o ser humano, conscientizando-o na fé de forma mistagógica o apelo de se trilhar o caminho-libertador, o qual a oração-contemplativa e a contemplação-orante é alimentada pela radicalidade da gratuidade. Certamente, que a ação-libertadora também se transforma em alimento para tal experiência de oração e de contemplação. Nesta linha de pensamento pode-se dizer que *‘a oração é uma experiência de gratuidade. Esse ato ‘ocioso’, esse tempo ‘desperdiçado’ lembra-nos que o Senhor está além das categorias do útil e do inútil. Deus não é deste mundo. A gratuidade de seu dom, criadora de necessidades profundas, liberta-nos de toda alienação religiosa e, em última instância, de toda alienação. O cristão comprometido com o processo revolucionário latino-americano precisa encontrar os caminhos de uma oração autêntica e não-evasiva’.*

Quarta questão: espiritualidade-libertadora e alegria cristã

A pessoa que ao longo do seu caminhar vai se deixando moldar pela experiência do Deus Libertador, o qual é a fonte primeira e última da espiritualidade libertadora, experiência em tal itinerário espiritual a alegria das gestas de libertação as quais não esgotam a constante busca, mas, são como que fendas que vão sempre abrindo horizontes de futuro. É a alegria de poder saborear ou vislumbrar um pouco mais de cerca algo da libertação como dom que pertence ao futuro absoluto do Deus Libertador. A espiritua-

lidade-libertadora expressa através da alegria cristã o caráter propriamente escatológico de um futuro que vai sendo traçado pelo compromisso libertador assimilado e assumido no presente. *'Deus é a fonte da alegria cristã. Alegria que nasce do dom já recebido e entretanto esperado, e que se exprime no presente, apesar da dureza e das tensões da luta pela construção de uma sociedade justa'*. A perspectiva escatológica que já se manifesta de forma incoativa no presente como experiência na alegria do dom da libertação de Deus é alimentada pela inspiração profética que o próprio divino Espírito Santo, agente histórico de tal experiência libertadora, vai conferindo ao cristão engajado em tal processo de busca. É por isso, que *'todo anúncio profético da libertação total vem acompanhado de um convite a participar no júbilo escatológico: 'E será Jerusalém minha alegria, e meu povo meu regozijo' (Is 65,19)'*.

A experiência-libertadora de Deus como expressão de sua ação-libertadora na história é profundamente salvífica e se situa portanto, no coração mesmo da Revelação de Deus na plenitude do mistério do Cristo encarnado e ressuscitado. Este conteúdo nuclear da experiência reveladora do mistério triúno de Deus encontra o seu ápice na mediação do mistério pascal, o qual é a transparência da originalidade cristã na sua dimensão de júbilo, regozijo, entusiasmo, festa, alegria.¹² Assim, quando a comunidade se reúne para expressar de forma cúltico-litúrgica a sua fé, tal celebração, traduz o sentido mais profundo da festa pascal, a saber o momento histórico-libertador-salvífico presente na memória histórica da comunidade que se alegra na presença de Deus que continua sendo o sujeito dessa passagem-libertadora no hoje de sua vida. *'Este regozijo não deve arrefecer nosso compromisso por aqueles que vivem num mundo de injustiça, nem tem porque nos levar à*

¹² 'O conteúdo celebrativo da fé na Igreja é o Reino da fraternidade-libertadora desdobrado no compromisso de sua construção, já que celebrar é trazer para o tempo-espaço do culto que se presta ao Deus-Pai aquilo que concorre e aquilo que não concorre para o sentido da fraternidade cristã. O culto litúrgico na Igreja pode ser entendido como o exercício da adoração-contemplativa do Mistério do Deus-Pai. 'Na contemplação, se cultiva a espiritualidade para ler na vida os sinais de presença ou ausência do Reino'. Aquilo que vem ao encontro do projeto fraternal do Reino do Deus-Pai deve ser assumido e colocado em prática pela comunidade. Tudo aquilo que vem em desencontro de tal projeto deve ser apontado e combatido pela comunidade que celebra a fé. É nesse sentido que, a partir do coração e da consciência da fé da comunidade, a liturgia será a expressão da 'participação e celebração da plena redenção em Jesus Cristo e como ação da comunidade organizada, que se sente chamada a celebrar diante de Deus a própria vida, com suas alegrias e sofrimentos', Cf. PRATES, Lisaneos. Fraternidade Libertadora, op. cit., p. 502s.

conciliação fácil barata. Ao contrário. Nossa alegria é pascal, garantida pelo Espírito (Gl 5,22; 1Tm 1,6; Rm 14,17) passa pelo conflito com os grandes deste mundo e pela cruz para chegar à vida. Por isso, a celebramos no presente recordando a páscoa do Senhor. Recordar Cristo é crer nele. E essa celebração é uma festa. Uma festa da comunidade cristã daqueles que confessam explicitamente a Cristo como Senhor da história, como libertador dos oprimidos. Sem respaldo comunitário não é possível o surgimento nem a vivência de uma nova espiritualidade’.

Esta alegria-festiva que caracteriza a tipologia da espiritualidade-libertadora no seu sentido mais fundo tem uma fundamentação bíblica com um especial destaque para o júbilo que deriva da espiritualidade presente no canto do Magnificat de Maria. Esta não é uma alegria ingênua e vazia daquilo que significa tomar consciência do momento histórico circundante como kairós de Deus. O júbilo expressivo no canto de Maria assinala para um tipo de alegria pela visita que Deus faz aos cativos da história olhando para sua humildade. Esse tipo de alegria está em função de uma inédita ação-libertadora de Deus num momento histórico concreto e real da caminhada de Israel. *‘O Magnificat poderia expressar muito bem essa espiritualidade da libertação. Texto de ação de graças pelos dons do Senhor, expressa humildemente a alegria de se saber amado por ele: ‘Exulta de júbilo o meu espírito em Deus meu salvador, porque olhou para a humildade de sua serva... por que fez em mim maravilhas o Poderoso’ (Lc 1,47-49). De forma profundamente espiritual e ao mesmo tempo profundamente real; o texto vincula esta alegria-jubilar àquilo que o Deus Libertador está operando na vida de Israel através de concretas mediações históricas. É um texto de profunda fecundidade espiritual-libertadora no sentido de expressar uma radical experiência da ação de Deus em conformidade-desconformidade com a realidade histórica. Sendo um texto carregado de uma profunda densidade espiritual e, ao mesmo tempo, ‘um dos textos de maior conteúdo libertador e político do Novo Testamento. Essa ação de graças e essa alegria estão estreitamente ligadas à ação de Deus libertando os oprimidos e humilhando os poderosos: ‘Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu os ricos vazios’ (Lc 1,52-53). O futuro da história está na linha do pobre e do espoliado. A libertação autêntica será obra do próprio oprimido; nele o Senhor salva a história. A espiritualidade da libertação terá como ponto de partida a espiritualidade dos anawim’.*

QUARTO ELEMENTO DE REFERÊNCIA: ESPIRITUALIDADE-LIBERTADORA E POBREZA-EMPOBRECIMENTO-EXCLUSÃO

Estamos seguindo uma linha de reflexão que propõe ler, compreender e explicitar a espiritualidade-libertadora como um conteúdo experiencial determinado pelo dinamismo do Evangelho de Jesus Cristo, configurado como fonte primária da fé cristã através da mediação eclesial. No caso da espiritualidade no contexto latino-americano a Igreja e suas opções passam a ser, por assim dizer, sujeito e mediações que possibilitaram o ressurgir deste novo jeito viver o existencial cristão. Vale asseverar, que a espiritualidade-libertadora é o resultado da ação do Espírito Santo que impele a Igreja a ensaiar no contexto histórico latino-americano um caminho marcado por uma verdadeira aventura espiritual conduzida pelas mãos do Deus-Pai, que na tradição da teologia, é o Filho e o Espírito Santo. A espiritualidade-libertadora, em última instância, tem no mistério triúno na dimensão da imanência-econômica e da economia-imanente a sua fonte inspiradora. Como nos avisa e nos dá conta a reflexão teológica, a imanência trinitária se revela na sua ação econômico-salvífico-libertadora dentro do dinamismo da história. É sintonizada com referido contexto histórico e sensível à presença do mistério trinitário que a Igreja deve renovar a união através das mãos – Filho e Espírito Santo – do Deus-Pai. Resultante desta união renovadora de suas entranhas eclesiais é sua capacitação para o novo da experiência espiritual que as mãos de Deus vão proporcionando. Desenvolveremos este item da nossa reflexão em dois pontos específicos, vinculando a espiritualidade-libertadora assimilada e assumida pela Igreja latino-americana colocada nas mãos do Filho-Irmão e colocada nas mãos do Espírito Santo.

1. A Igreja nas mãos do Filho-Irmão

Segundo a espiritualidade-teológica e a teologia-espiritual do Novo Testamento, são as próprias mãos de Deus que tocam os pobres e os unge, devolvendo-lhes vida, dignidade, luz, paz, alegria, verdade, liberdade-libertadora. O itinerário espiritual de Jesus Cristo, a mão do Pai que toca os pobres, possibilitou uma teologia neotestamentária na qual ele estampa o rosto de um Deus que é expressão de uma paixão-apaixonante pelos pobres. Na compaixão do Filho que toca com suas mãos, a pessoa dos pobres se manifesta no toque das mãos do Pai na sensibilidade inaudita de sua

compaixão-misericordiosa. Através dos gestos-palavras do Filho, exatamente na sua forma de se relacionar com os pobres na mediação do gesto e da palavra, emerge a espiritualidade-libertadora, a qual se torna uma urgência para a Igreja, extensão do seu mistério.

Não será à toa, destarte que a espiritualidade-libertadora vinculada ao mistério-libertador que emana das mãos do Filho-Irmão que toca os filhos de Deus e seus irmãos pobres. Ainda segundo o Novo Testamento as mãos do Filho que toca os pobres estão unidas às mãos do Espírito Santo que o ungiu para tal missão-libertadora. Segundo o evangelho lucano a origem histórica do Filho-Irmão acontece através das mãos do Espírito Santo (Lc 1,35): são as mãos do Espírito Santo que o conduzem ao deserto (Lc 4,1), são as mãos do Espírito Santo que o unge para a missão-libertadora, a qual implica em tocar a vida e a pessoa dos pobres (Lc 4,18-19). Certamente, que esta elaboração teológica lucana é resultante de um processo de maturação na consciência e no coração da comunidade de que ao longo da sua peregrinação desde Nazaré da Galiléia no rumo de Jerusalém as mãos do Filho-Irmão foram tocando os pobres.

Conforme o relato lucano da peregrinação de Jesus Cristo na direção de Jerusalém encontramos várias passagens nas quais ele se encontra com os pobres e lhes toca com suas mãos unidas pelas mãos do Espírito Santo.

Vejamos algumas de tais passagens: *Lc 4,40*: ‘Ao pôr-do-sol, todos os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos e ele, [impondo as mãos=*τὰς χεῖρας ἐπιτιθεὶς*] sobre cada um, curava-os’ – contexto de vários tipos de curas;

Lc 5,12s: ‘Estava ele numa cidade, quando apareceu um homem cheio de lepra. Vendo a Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: ‘Senhor, se queres, tens poder para purificar-me’. Ele [estendendo a mão=*ἐκτείνας τὴν χεῖρα*] e tocando-o, disse: ‘eu quero. Sê purificado!’ – cura de um leproso;

Lc 8,54: ‘Ele, porém, [tomando-lhe a mão=*κρατήσας τῆς χειρὸς*], chamou-a dizendo: ‘criança, levanta-te!’ – cura de uma hemorroíssa; ressurreição da filha de Jairo;

Lc 11,20: ‘Se é pelo [dedo de Deus=*δακτύλῳ θεοῦ*] que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós’ – polêmica sobre o poder de Jesus Cristo;

Lc 13,13: 'E impôs nela as mãos=καὶ ἐπέθηκεν αὐτῇ, τὰς χεῖρας. No mesmo instante, ela se endireitou e glorificava a Deus' – cura da mulher encurvada;

Lc 24,39: '[Vede minhas mãos=ἴδετε τὰς χεῖράς μου] e meus pés: sou eu!' – aparição do Ressuscitado, o qual deve ser reconhecido pela Igreja através do sinal das mãos.

Conforme a beleza deste último texto, a identificação com o Cristo ressuscitado passa pela identificação com as suas mãos que foram tocando os pobres ao longo do caminho. Tal identificação e tal caminho foi assimilado e assumido pela Igreja dos pobres no contexto latino-americano.

A espiritualidade-libertadora tem na Igreja dos pobres que se coloca nas mãos unguidas do Filho-Irmão uma das mediações históricas do seu ressurgimento. A Igreja que ressurge em Medellín é, por assim dizer, uma experiência eclesial que marca o momento histórico de gestação de um renovado caminhar na trilha da espiritualidade-libertadora. São vários os textos-fonte desse renovado caminho espiritual-libertador. Elencamos alguns textos:

1º. Medellín – 'Devemos distinguir:

a) A pobreza como carência dos bens deste mundo é um mal em si. Os profetas a denunciaram como contrária à vontade do Senhor e, muitas vezes, como fruto da injustiça e do pecado dos homens.

b) A pobreza espiritual é o tema dos pobres de lahweh. A pobreza espiritual é a atitude de abertura para Deus, a disponibilidade de quem tudo espera do Senhor. Embora valorize os bens deste mundo, não se apega a eles e reconhece o valor superior dos bens do Reino.

c) A pobreza como compromisso, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual perante os bens. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que fez suas, todas as conseqüências da condição pecadora dos homens e que 'sendo rico, se fez pobre' para salvar-nos' (M 14,4).

2º. 'Neste contexto, uma Igreja pobre:

– Denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que engendra.

– Prega e vive a pobreza espiritual como atitude de infância espiritual e abertura ao Senhor.

– *Compromete-se ela mesma com a pobreza material. A pobreza da Igreja é, com efeito, uma constante na história da salvação* (M 14,5; também 14,7).

A espiritualidade-libertadora continua se expressando através da sensibilidade da Igreja diante dos pobres no espírito e na letra de um dos textos mais belos de Puebla, o qual assevera:

3º. *Puebla – ‘Do coração dos vários países que formam a AL está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos.*

Há pouco mais de dez anos, a Conferência de Medellín já apontava a constatação deste fato, ao afirmar: ‘Um clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte’ (M 14,2). O clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador’ (Puebla, 87-89). Este texto como tal é contundente, pois, escancara uma realidade opressora de pecado, de des-graça que avilta a dignidade dos pobres de Deus. Do ponto de vista teológico, é perceptível que tal situação opõe-se diametralmente ao desígnio salvífico-libertador de Deus. Paradoxalmente, de dita situação de cativo emerge um conteúdo de denúncia profética que justifica uma opção preferencial pelos pobres na perspectiva de que toda situação de miséria e empobrecimento progressivo é negadora da salvação libertadora de Deus. No entanto, para se aceitar tal interpretação teológica é necessário ter como pressuposto a espiritualidade-libertadora como uma experiência de Deus que concorre para a transformação das realidades desumanas.

O texto de Puebla em referência coloca os pobres como mediação por excelência de uma experiência espiritual-libertadora e, neste sentido, é profundamente inspirador para a nossa temática. Tem toda uma riqueza literária, tais como, poética, simbólica, antropológica, teológica, espiritual que nos coloca no âmago da espiritualidade-libertadora que é reflexo da vida religiosa dos pobres. Eles são o ‘coração’ que faz pulsar a presença do Deus Libertador por clamarem ao ‘céu’, exatamente porque os pobres sabem depender do ‘céu’. Sabem que o Deus Libertador lhes visita sempre através do Cristo Libertador que salva-libertando e liberta-salvando. E por isso, tal ‘clamor’ é ‘impressionante’, ‘claro’, ‘crescente’, ‘impetuoso’, ‘ameaçador’ e prenhado do Mistério Inefável. É assim que o ‘grito’ se torna profético pois, ressoa denúncia e anúncio. É denúncia por expressar uma situação não

querida por Deus e, simultaneamente, é anúncio pois, o 'grito' sabe que a presença do Deus Libertador significa e 'reclama justiça', 'liberdade', 'respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos'.

A espiritualidade-libertadora no contexto da Conferência de Santo Domingo aparece vinculada também à mediação histórica da situação dos pobres concebida a partir das novas formas de exclusão. Deve ser uma experiência libertadora de Deus que concorre para a promoção da dignidade humana, que tenha como base eclesial uma espiritualidade laica que fundamenta nos sacramentos de iniciação cristã e, que seja inculturada na diversidade das culturas. As mãos de Jesus Cristo continuam sendo o sinal indicador para esta tipologia espiritual que deve caracterizar a Igreja na América Latina. Um dos textos-base dessa proposta é o seguinte:

'Evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez, quando mostrou na sinagoga que veio para 'evangelizar' os pobres (cf. Lc 4,18-19). Ele é 'se fez pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com sua pobreza' (2Cor 8,9). Ele nos desafia a dar testemunho autêntico de pobreza evangélica em nosso estilo de vida e em nossas estruturas eclesiais, tal qual Ele fez' (SD 178a). Aqui o compromisso evangelizador é colocado em destaque como sendo uma mediação excelente para que a Igreja cumpra a sua missão. Esta não pode desvincular-se da missão messiânica de Jesus Cristo inaugurada na sinagoga de Nazaré como expressão preferencial de sua opção pelos pobres.

Outro texto de Santo Domingo que está na base inspiradora da espiritualidade-libertadora afirma o seguinte:

'Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial' (SD 178c). A seguir vai mostrando o desenho tomado da realidade de uma grande quantidade de rostos-pobres marcados pela faceta desumanizadora do contexto social vistos com os óculos da fé. E a continuação indica para o aumento crescente dos rostos-sofridos: *'Temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla (cf. Puebla, 31-39), todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos' (SD 179).*

CONCLUSÃO

Iniciamos a nossa meditação em torno da espiritualidade-libertadora visualizando a metáfora de uma frondosa árvore plantada pela Igreja latino-americana com a Conferência de Medellín. É indubitável os frutos produzidos e colhidos ao longo destas décadas de rodagem eclesial. A seguir intentamos indicar alguns frutos colhidos:

1º.) Na sua totalidade a Igreja ao adotar uma reflexão teológico-libertadora e uma espiritualidade-libertadora casada com os desafios da realidade foi se configurando como sacramento de libertação para os pobres, ganhando a confiança da sociedade brasileira. Até o atual momento histórico continua sendo uma das instituições mais credenciadas na sociedade;

2º.) O destemor profético encarnado pela maioria dos nossos bispos frutificou uma geração de pastores-profetas do anúncio destemido da mensagem do Evangelho-libertador inspirado na assistência libertadora do Espírito Santo;

3º.) Observamos o amadurecimento de uma experiência de Deus na fronteira entre Teologia da Libertação, Espiritualidade-libertadora e realidade de pobreza-empobrecimento-exclusão como sinal dos tempos que vai indicando o caminhar da Igreja;

4º.) Constatamos que ao longo destas décadas de caminho a Igreja latino-americana foi ganhando uma identidade própria na sua forma específica de celebrar a liturgia, de evangelizar, de ler a Palavra de Deus à luz da realidade dos pobres, de elaborar os conteúdos da fé – teologia e de fazer a experiência dos conteúdos da fé – espiritualidade;

5º.) Por isso, podemos falar de um eixo eclesial-eclesiológico que identifica a Igreja na América Latina que vai desde Medellín-Puebla-Santo Domingo, o qual se configura como um patrimônio-herança que lhe confere uma tradição própria e enriquecedora da grande Tradição da Igreja.

Fr. Lisaneos Prates

Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, no Instituto Pio XI e na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI.